

Rindo de professores(as): um estudo do humor sobre a docência

MICHELE CARROSSI¹
ROSA MARIA HESSEL SILVEIRA²

RESUMO

Considerando a escassez de estudos sobre a relação entre humor e escola, este trabalho apresenta e discute, a partir de teorização sobre as fontes do humor e do cômico, as principais tendências das representações de professores e professoras como objeto de riso. Para tanto, foram investigadas cerca de trezentas piadas retiradas de coletâneas impressas, sites, revista de atualidades e jornal. A partir de análises inspiradas nos estudos de Sírio Possenti (1998) e Regislene Almeida (2003), podem-se identificar as seguintes tendências predominantes de situações humorísticas: a) professores/as guardiões do conhecimento e das regras escolares, sujeitos a zombaria por parte dos alunos, que são apresentados como mais espertos; b) professores/as como incessantes perguntadores-avaliadores; c) professores/as como “expert” em sua área de conhecimento, diferenciado do cidadão comum; d) professores/as como interlocutores para piadas de fundo sexual.

Palavras-chave: humor, representação docente, escola.

ABSTRACT

Considering the few studies of the relation between humour and school, from theorising humour and comic sources, this work provides a discussion of the main tendencies of representing teachers and female

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia Empresarial – Bolsista PROICT/ULBRA

² Professora do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-graduação em Educação da ULBRA (rosamhs@terra.com.br)

teachers as object of ridicule. To do that we have investigated around three hundred jokes from printed collections, sites, magazines and newspapers. From analyses whose inspiration was drawn from Sírío Possenti (1998) and Regislene Almeida (2003), one may identify the following common tendencies for humorous situations: a) teachers who are gatekeepers of knowledge and school rules, subject to mockery by students who are featured as smarter than the former; b) teachers as obstinate assessing-inquirers; c) teachers as experts in their particular area of knowledge, different from common people; d) teachers as subjects for sexual jokes.

Key words: humour, teaching representation, school.

INTRODUÇÃO

De maneira geral, as pesquisas acadêmicas da área pedagógica não têm se interessado por questões do humor e é possível que esse fato, aparente ou efetivo, se origine da seriedade e gravidade com que se entende que deva ser analisada a instituição escolar. O fato de que a temática não seja quase abordada nas pesquisas pedagógicas está em desacordo com a expressiva ocorrência de material humorístico (piadas, charges, cartuns, quadros humorísticos da TV, filmes) que toma a instituição escolar como temática, como cenário e como inspiração. Qualquer cidadão dos séculos XX e XXI não terá dificuldade para se lembrar de alguma anedota sobre professor, de algum personagem cômico professor na TV (o professor Raimundo talvez seja o mais lembrado) e de filmes em que se ri escancaradamente da escola (*O professor aloprado* e *A escola da desordem*, por exemplo). Por outro lado, a questão do humor e do riso, vista de forma geral, chama a atenção das pessoas já há séculos, desde os gregos; ela está presente em diversos momentos históricos, como, por exemplo, está exposto no trabalho denominado *O riso e o risível na história do pensamento*, onde a pesquisadora Verena Alberti, que fez do assunto tema de sua tese de doutorado, recupera e discute as diversas formas com que o riso –

e, de forma relacionada, o humor e o cômico – tem sido pensado desde Platão e Aristóteles, passando pelo pensamento de Hobbes e chegando aos mais conhecidos pensadores que o tematizaram nos séculos XVIII e XIX.

Contrariamente ao que se poderia pensar em um primeiro momento, o humor está intimamente ligado ao contexto em que é produzido, a aspectos culturais e históricos. Em outras palavras, o humor muda em diferentes culturas, em diferentes épocas e grupos; não se ri sempre das mesmas coisas, em todos os lugares, grupos e épocas. A obra *Uma história cultural do humor*, organizada por Jan Bremmer e Herman Roodenburg, DRIESSEN (2000, p. 257), ao expor pontos importantes da relação entre humor, riso e estudos antropológicos, sintetiza uma concepção que move nosso interesse pelo humor relativo à docência:

(...) os temas do humor revelam questões importantes das sociedades envolvidas: desde os interesses dominantes, as atitudes e valores relativos à identidade (por exemplo, gênero e etnia) até seus contrapontos, contradições e ambivalências.

Dentro da ótica dos Estudos Culturais e do Pós-Estruturalismo, a realidade e a verdade são discursivamente construídas e esse entendimento enriquece a freqüente leitura de algumas

situações provocadoras de riso como situações de “subversão da verdade”. Nesse sentido, LARROSA (1998, p. 223) observa no capítulo Elogio do Riso, em *Pedagogia Profana*, que: “O riso mostra a realidade a partir de outro ponto de vista”. Pode-se dizer que o autor se insere na tendência verificada por Alberti no pensamento moderno sobre o risível, qual seria o de “conferir ao riso um lugar-chave no esforço filosófico de alcançar o impensável” (2000, p. 16).

Assim como o humor, também são poucos os estudos relacionados aos docentes como “indivíduos cômicos”. Atores ou atrizes centrais dos cenários educativos, professores e professoras têm sido personagens relevantes nas vivências dos educandos no mundo contemporâneo, onde a escolarização se universalizou. O sujeito “docente” povoa histórias infantis (ex.: “A professora maluquinha”, de Ziraldo), anúncios publicitários, filmes dos mais diversos gêneros (ex.: “Sociedade dos poetas mortos”), programas e novelas da televisão (ex.: “Malhação”, da Rede Globo), histórias em quadrinhos, charges, anedotas, piadas... e tantas piadas! Encontramos nesse universo a professora maternal, a mal-humorada, a exigente, a boazinha, a dedicada, a mal-amada, a “gostosa”; encontramos também o professor maluco, o esquecido, o sedutor, o gênio, o atrapalhado, entre outras atribuições para ambos os personagens.

Todos sabemos que um expressivo número de piadas trabalha com preconceitos de toda ordem, envolvendo, freqüentemente, estereótipos relativos a diversos grupos sociais (homossexuais, portugueses, nordestinos, mulheres, anões, feias, pouco dotados intelectualmente, etc.). Estamos acostumados a rir dessas piadas e, às vezes, até a contá-las, mesmo se nos sentimos constrangidos/as pela sua “incorreção política”.

É incontestável, portanto, que o humor tem um componente cultural de importância, e tal constatação está na raiz de nossa dificuldade em rir ou, mesmo, aceitar algumas piadas de outras culturas. Daí também emergem as adaptações das traduções de anedotas, que procuram ressignificar, dentro de um novo contexto, as situações de humor. Para entendermos e rirmos das piadas, precisamos entender as situações e os cenários nelas apresentados, pois, uma vez que o humor trabalha com a quebra de expectativas, é necessário que as partilhemos. No presente trabalho, analisamos piadas, considerando que a piada constitui apenas um dos possíveis gêneros textuais voltados para a produção do humor. Ela é definida por HOUAISS (2001, p.2205) como “história curta de final surpreendente, às vezes picante ou obscena, contada para provocar risos”. Qualquer pessoa que se dispuser a estudar piadas, como refere POSSENTI (1998), em breve tempo observará o quanto elas se repetem, constituindo, na maioria das vezes, variantes de mesmos esquemas básicos. Dessa forma, ao selecionarmos nosso material empírico, desde o início da coleta de piadas nos primeiros livros consultados e sites humorísticos, sentimos a dificuldade de encontrarmos piadas “novas”, tal a sua repetição.

Tomando como base tais considerações, realizamos uma investigação do humor sobre a docência, procurando trazer um outro olhar sobre os professores, que fugisse ao que a literatura pedagógica vem entendendo como mais digno de ser pesquisado. Sobre o professor e a professora, já foram realizados estudos especificamente tomando como material livros de literatura infantil (SILVEIRA, 1997 e 2002; RIPOLL, 2002; WORTMANN, 2002; DALLA ZEN, 2002; AMARO, 2002; PILOTTO, 2002),

em que algumas pistas para a análise da relação professor-humor podem ser encontradas. Esses trabalhos trazem imagens de professores e professoras cômicos, ora por seu descontrole (professoras em geral), ora pela sua esquisitice ou pela sua ignorância (imagens associadas, respectivamente, a professores de Ciências e de Educação Física). A dissertação de mestrado de SILVEIRA (2002), que realizou uma análise de quadrinhos e charges sobre o ensino de Matemática, nos traz personagens professoras rotuladas como bruxas ou seres maléficos, que provocam o nosso riso. Em análise efetuada da revista *Nova Escola*, COSTA & SILVEIRA (1998) fazem referência à professora dos cartuns de Negreiros, que, por breve tempo, apareceram nas páginas da revista. Já se consultarmos os variados estudos que trazem memórias e histórias de vida de professores/as, veremos que os episódios cômicos não são freqüentes, enfatizando-se, especialmente, as cenas que expressam seriedade, dedicação, amor, vocação, sacrifício do/da professor/a, por exemplo. Nesse sentido, pode-se dizer que as recordações da própria docência não privilegiam, neste olhar sobre o passado, o humor e a comicidade.

Tais estudos, brevemente citados, nos servem de contraste para a análise que realizamos na pesquisa, da qual alguns resultados compõem o presente artigo. O objetivo da investigação, em seu âmbito mais geral, foi o de, a partir de teorização sobre as fontes do humor e do cômico, buscar as recorrências das representações de professores e de professoras como objeto e motor do riso, conectando-as com representações de escola, trabalho e identidade docente. É nela que se situa o presente estudo.

MATERIAL E MÉTODOS - COMO E O QUE ANALISAMOS

Foram analisadas para o presente trabalho cerca de 300 piadas retiradas de coletâneas impressas e sites da Internet, selecionadas com base no critério de apresentarem o professor ou a professora como um dos seus personagens. A progressiva leitura das mesmas foi sugerindo às pesquisadoras a construção de categorias que correspondessem às principais tendências encontradas. O desenho metodológico deste trabalho inspirou-se na vertente das análises textuais dos Estudos Culturais e Estudos da Docência, buscando-se, através de tais análises, a sustentação para a apresentação dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO - COMO PERSONAGENS PROFESSORES E PROFESSORAS SÃO REPRESENTADOS/AS NAS PIADAS?

No estudo realizado, construímos agrupamentos de representações a partir da identificação de algumas tendências predominantes nas situações humorísticas. Essas tendências não são mutuamente excludentes e, por vezes, se superpõem, como é fácil perceber pela sua explanação.

- a) Professores e professoras podem ser apresentados como guardas zelosos do conhecimento e das regras escolares, e, neste papel, estão sujeitos a zombaria por parte dos alunos, que são apresentados como

mais espertos; freqüentemente os docentes, como interessados na transmissão e “cobrança” do conhecimento institucionalizado, questionam seus alunos sobre isso e esta situação abre a ocasião para o humor. É nesse caso que se contrapõem a professora (ou professor) e o sujeito-criança, personagem freqüentemente apresentado como rebelde, irreverente e, por vezes, “engraçadinho”. Tais piadas podem ser enquadradas no que Possenti classifica como “**humor de criança**”, em que freqüentemente os adultos estão sujeitos a zombarias por parte dos alunos – estes apresentados como mais espertos.

- Juquinha, me dê um exemplo de fenômeno.
- O Brasil, professora: todos os habitantes falam a mesma língua.
- E daí? Qual é o fenômeno?
- Ora, professora, mesmo assim ninguém se entende.

Nesta, como em muitas outras piadas, o aluno leva a melhor em relação ao professor. Como isso acontece? O mestre questiona o aluno tendo como referência um contexto do conhecimento escolarizado, enquanto Juquinha, o “espertinho”, a interpreta como se fosse uma pergunta corriqueira, coloquial, e responde fazendo referência a um tema freqüente em piadas: os defeitos e falhas do próprio país e do seu povo, numa espécie de auto-ironia. É importante observar que muitas piadas reproduzem a fórmula pergunta(professor) – resposta(aluno) – avaliação(professor), e, às vezes, incorporam uma nova resposta do estudante, que traz o fecho jocoso da piada. Nesse sentido, elas estão de

acordo com esquemas tradicionais do discurso de sala de aula, em que tal seqüência é prontamente reconhecida como pertencente ao discurso pedagógico.

Além de agentes cuidadosos da transferência de conhecimentos escolarizados, os mestres também são retratados como aplicando e zelando pelo cumprimento de todas as normas, obrigações e procedimentos que fazem parte dos ritos e do “disciplinamento” do qual o aparato pedagógico se incumbem: presença, comportamento adequado, resposta à chamada, realização de temas, cumprimento de requisitos de atenção e pontualidade, uso de uniforme, etc. É assim que...

Joãozinho chega no meio da aula.

- Atrasado outra vez, Joãozinho – reclama a professora. É a terceira vez esta semana.
- Desculpe, professora!
- O que você pretende ser no futuro, com este tipo de comportamento?
- Político, professora!

Nessas poucas linhas, muito se pode ler sobre representação de escola e de professora. A mestra é disciplinadora e exigente – a pontualidade é tradicionalmente vista como um requisito do disciplinamento escolar – e a escola é vista como o espaço que prepara os cidadãos para um desempenho social adequado no futuro. O caráter humorístico da piada, no caso, advém do inesperado da resposta, em que Joãozinho refere uma opinião generalizada sobre os políticos: eles não são gente cumpridora de suas obrigações (embora bem remunerados).

Os alunos, geralmente crianças, constituem, como vimos, importantes antagonistas nas pia-

das escolares. Nesse sentido, ao abordar o papel que as crianças desempenham nas piadas, POSSENTI (2002,s/p) observa que uma “das características das ‘piadas de crianças’ – em que elas são personagens, como os animais nas fábulas, embora até possa haver de fato respostas inteligentíssimas de crianças – é que elas sabem muito mais do que se supõe”. Encontram-se com frequência crianças muito inteligentes nas piadas, sempre prontas a desconcertarem, com suas respostas, os adultos, que podem ser os mestres, os pais, os porteiros, os padres, os guardas de trânsito, etc.

- b) Os professores e professoras são também tratados, nas piadas, como profissionais que só sabem desempenhar suas tarefas através de uma incessante atividade de perguntar e avaliar sucessivamente. Vejamos as duas piadas abaixo.

A professora pergunta: – Quantos corações nós temos?

O aluno: – Dois, temos dois, professora!

– Dois? Está maluco?

– Não professora... um é o meu e o outro é o seu ... dois corações.

Joãozinho chega na escola e a professora pergunta:

– Numa árvore tinha três passarinhos... deram um tiro na árvore e ele acertou um passarinho. Quantos ficaram?

– Ficou apenas um passarinho.

– Por que um, Joãozinho? – a professora pergunta.

– Só o que morreu... os outros fugiram, né!

No primeiro caso, repete-se o esquema acima explicitado em que, à pergunta da professora, a qual usa um pronome “nós” genérico (nós – a humanidade, as pessoas), o aluno espertinho responde de maneira “graciosa”, inesperada, atribuindo ao mesmo “nós” o significado de falante (ele) e interlocutora (a professora). Na segunda piada, Joãozinho, já ao chegar na escola, é inquirido – nas piadas, como dissemos, os professores estão sempre perguntando... - com um problema matemático. Observe-se que os problemas matemáticos propostos na cultura escolar devem ser sempre entendidos como narrativas que simplificam uma situação pretensamente extra-escolar para propor uma pergunta que necessariamente deve ser respondida considerando-se apenas os dados numéricos do problema. Frente a essa expectativa dos leitores ou ouvintes da piada, o protagonista Joãozinho provoca uma reversão: ao fugir ao simples cálculo matemático ($3 - 1 = 2$) e oferecer um desfecho fatural à narrativa, provoca o riso pela justaposição de dois esquemas diferentes e, também, por, de certa forma, desnudar o artificialismo de alguns (muitos!) problemas escolares matemáticos.

- c) Os professores/as, em algumas piadas, são apresentados como especialistas em sua área de conhecimento, diferenciando-se, nesse sentido, do cidadão comum. Isto é: em outras anedotas, a imagem do/da mestre/a é ou de alguém que “domina” um conteúdo escolar, ou é especialmente inteligente, ou não se desliga jamais do contexto do conhecimento acadêmico. É interessante observar que, neste caso, são mais

encontradiços professores masculinos, o que não chega a surpreender, uma vez que, no mundo das piadas e do senso comum, são os homens os sujeitos mais intelectualmente desenvolvidos. Vejamos duas piadas que exemplificam essa representação.

A professora pergunta para a Mariazinha:

– Mariazinha, me dê um exemplo de verbo:

– Bicicreta! – respondeu a menina.

– Não se diz “bicicreta” e sim bicicleta. Além disso, bicicleta não é verbo.

– Pedro, me diga você um verbo.

– Prástico! – disse o garoto.

– É “plástico”, não “prástico”. E também não é verbo. Laura, é a sua vez: me dê um exemplo de verbo correto – pediu a professora.

– Hospedar! – respondeu Laura.

– Muito bem! – disse a professora. Agora, forme uma frase com este verbo.

– Os pedar da bicicleta é de prástico, professora.

E o professor de matemática dá queixa na delegacia sobre o atropelamento que sofreu.

– Anotou a placa?

– Anotar não anotei, mas eu sei o número; se for duplicado e depois multiplicado por ele mesmo, a raiz quadrada do produto será a mesma do número original, só que invertida.

Na primeira piada, em que mais uma vez se observa o permanente caráter inquiridor da professora, a mestra está preocupada com um conteúdo tipicamente escolar – a identificação de palavras que se classifiquem como “verbos” - e parece não atentar para a distância entre tal nomenclatura e as evidentes marcas fonéticas de um linguajar popular de seus alunos. Já na segunda, é o professor de matemática – e observe-se, com SILVEIRA (2002), que a matemática parece estar sempre circunscrita ao gênero masculino - que parece aprisionado em sua maneira matemática de ver, pensar e narrar o mundo, utilizando-a de forma excêntrica, em situações do cotidiano.

d) Por vezes, os professores/as são apresentados como interlocutores para piadas de fundo sexual. Efetivamente, nas coletâneas e sites de piadas, são encontradas numerosas piadas em que ora se fazem alusões à sensualidade da professora, que perturba os alunos masculinos, ora são apresentadas alunas que representam a mulher sedutora em relação aos professores homens. POSSENTI (2002, s/p) nos fala no “estereótipo da garota sedutora e pouco estudiosa (bonita e burra?)”, e é preciso registrar que, com alguma frequência, tais piadas usam um vocabulário de baixo calão – ou o sugerem, pela solicitação de rimas - e nem um pouco sutil.

CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo dentro dos limites desse estudo, em que apresentamos brevemente alguns comentários sobre tendências das imagens de professo-

res e professoras em piadas escolares e dos personagens que nele se movem, algumas tendências de sua análise já podem ser esboçadas. As formas de representação que nelas estão presentes não chegam a subverter – via de regra – os clichês sobre escola, sobre ritos, práticas e normas escolares, sobre professor e professora, sobre gênero, etc. Ao contrário: as piadas escolares parecem se encaixar nos enquadres do gênero textual quando toma como temática o contexto escolar – as crianças-alunas são esboçadas freqüentemente como sujeitos espontâneos, desrespeitosos, espertinhos, sempre prontos para zombar dos professores; os alunos são representados dentro dos diferentes estereótipos de estudantes – os pouco estudiosos, sempre prontos a usar métodos pouco elogiosos para obter sucesso na escola; os que elogiam professores com falsidade na expectativa de obter favores; os que só se interessam pela sensualidade da professora. Também os mestres são apresentados como perguntadores incessantes e preocupados essencialmente com o cumprimento dos ritos e tarefas tipicamente escolares, às vezes ingênuos, sempre enganados pelos alunos; às vezes mais espertos do que estes; às vezes encerrados em sua maneira “científica” de ver a realidade. Por fim, o conhecimento escolar é freqüentemente apresentado como distante do cotidiano de alunos, o que possibilita a estes respostas inesperadas e desconcertantes para o professor. POSSENTI (2002, s/p) assim sintetiza suas observações sobre piadas escolares:

Nas piadas, a escola é um lugar para meninas, pois Juquinha representa o universo masculino, desinteressado dos estudos e interessado em sexo e na violação das regras básicas de educação. Observe-se que essas piadas estão de acordo com uma

idéia geral segundo a qual (...) a escola é um lugar chato, no qual se fazem tarefas desinteressantes, às vezes sob o comando de professores pouco preparados.

Certamente, o mundo escolar que aparece nas piadas correntes não é o mundo “oficial” da pedagogia, o que não significa que não seja um mundo que todos nós conhecemos. É, apenas, um mundo que não encontra espaço em textos mais sérios; como relembra ainda POSSENTI (1998, p. 26), “as piadas são interessantes porque são quase sempre veículo de um discurso proibido, subterrâneo, não oficial, que não se manifestaria, talvez, através de outras formas de coletas de dados (...)”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **O riso e o risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Fundação Getúlio Vargas, 1999.

AMARO, Lúcia Elena. Lá vem a diretora: chilikies, broncas... mas até que ela é uma boa pessoa! Representações de diretores/as de escola na literatura infanto-juvenil. In: SILVEIRA, Rosa M. Hessel (Org.). **Professoras que as histórias nos contam**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

COSTA, Marisa Cristina Vorraber; Silveira, Rosa Maria Hessel. A revista *Nova Escola* e a constituição de identidades femininas. In: BRUSCHINI, Cristina; HOLANDA, Heloísa Buarque de (Orgs.). **Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1998.

DALLA ZEN, Maria Isabel. Representações

da professora de Português na literatura infanto-juvenil – elas têm o vírus da chatice? In: SILVEIRA, Rosa M. Hessel (Org.) **Professoras que as histórias nos contam.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

DRIESSEN, Henk. Humor, riso e o campo: reflexões da antropologia. In: BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman (Orgs.). **Uma história cultural do humor.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas.** Porto Alegre: Contra*bando, 1998.

PILOTTO, Fátima Maria. Marcando, driblando, bloqueando, cortando... representações de professores/as de Educação Física na literatura infanto-juvenil. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (Org.). **Professoras que as histórias nos contam.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua.** Campinas: Mercado de Letras, 1998.

POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua: agenda estudantil 2003.** Campinas: Mercado de Letras, 2002.

RIPOLL, Daniela. “Formosura parelhada na inteligência”: a beleza que ensina nos livros infanto-juvenis. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (Org.). **Professoras que as histórias nos contam.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ROSA, Zita de Paula. **O TicoTico: meio século de ação recreativa e pedagógica.**

Bragança Paulista: EDUSE, 2002.

SILVEIRA, Márcia Castiglio. **A produção de significados sobre Matemática nos cartuns.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. “Ela ensina com amor e carinho, mas toda enfezada, danada da vida”: representações da professora na literatura infantil. **Educação e Realidade.** Porto Alegre, v.22, n.2, jul/dez 1997.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (Org.). **Professoras que as histórias nos contam.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

WORTMANN, Maria Lúcia. Sujeitos estranhos, distraídos, curiosos, inventivos, mas também éticos, confiáveis, desprendidos e abnegados: professores de ciências e cientistas na literatura infanto-juvenil. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (Org.). **Professoras que as histórias nos contam.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FONTES DAS PIADAS ANALISADAS

PINTO, Ziraldo Alves. **500 anos de anedotas de portugueses.** [s.l.], Pererê Editorial, 2000. 2v.

POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua.** Agenda estudantil 2003. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

SARRUMOR, Laer. **Mil Piadas do Brasil.** São Paulo: Nova Alexandria, 1998.

SARRUMOR, Laer. **Mais Mil Piadas do Brasil**. São Paulo: Nova Alexandria, 1998.

TARDELLI, Clésio R. **Vale a pena rir de novo** – uma coletânea das melhores piadas de todos os tempos. Poços de Caldas, 2001.

ZYLBERSZTAJN, Abram. **As melhores piadas do humor judaico**. Rio de Janeiro:

Garamond, 2003. 2v.

<http://humortadela.uol.com.br/piadas/piadas_de_escola.html> Acesso em abril/04.

<<http://www.profene.hpg.ig.com.br>> Acesso em abril/04.

<<http://www1.uol.com.br/criancas/piadas/ult986u1.shl>> Acesso em abril 2004.